



Ano 3 | # 1 | edição quadrimestral | janeiro a abril de 2010

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

Alceu Amoroso Lima - arauto dos mestres, da cultura e do jornalismo brasileiro

Sônia Maria Ribeiro Jaconi¹

Resumo

Traçar o perfil intelectual de Alceu Amoroso Lima² e apresentar suas contribuições no campo jornalístico brasileiro são os objetivos deste trabalho, que foi apresentado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, da Universidade Metodista de São Paulo, com o propósito de atender, parcialmente, as tarefas da disciplina *Processos Comunicacionais: tópicos de pesquisa*, ministrada pelo Prof. Dr. Marques de Melo.

Arauto dos mestres, da cultura e do jornalismo brasileiro

Se vivo, Alceu Amoroso Lima certamente não seria irresoluto diante do atual cenário da educação nacional. Seu espírito otimista o levaria ao combate desse ensino que pouco contribui para a transformação do indivíduo em pessoa³.

Amoroso Lima acreditava que somente através da educação de qualidade seria possível diferenciar o homem dos outros seres vivos e que, portanto, o professor tinha um papel importante a cumprir no processo de aprendizagem e ensino.

¹ Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

² Alceu Amoroso Lima nasceu na cidade fluminense de Petrópolis, em 11 de dezembro de 1893 e faleceu em 14 de agosto de 1983.

³ Para AAL, o fim último da educação haveria de levar o indivíduo a ser uma pessoa, ou seja, por indivíduo entende-se qualquer ser vivo: homens, animais, plantas.

Toda vida do professor gira em torno do conhecimento. Ser professor é antes de tudo, cumprir antes com a função de ser bom estudante. O professor se situa numa posição especial daquele que aprende para ensinar. Sua função é, sobretudo, ética ou moral, que consiste em estudar para os outros e não para si. A disposição interna de comunicar o que ele conhece, de levar a ciência aos outros e não guardar egoisticamente para si mesmo. O autêntico professor é atravessado por uma euforia comunicativa.⁴

Diante da fala do “filósofo da educação”, assim considerado por muitos intelectuais da sua época, é possível perceber a importância que AAL atribuía à contínua formação do professor e o seu envolvimento com a pesquisa, pois só assim, seria possível garantir um ensino de qualidade aos alunos.

No entanto, o que vemos após quase trinta anos de sua morte, é um contexto bem diferente daquele idealizado por Amoroso Lima. Frequentemente, professores se sentem desvalorizados profissionalmente e desrespeitados como pessoas, pois convivem com a violência verbal e física, levando-os, muitas vezes, a cumprirem mal sua função de professor. Os alunos, diante dessa situação, não são atraídos pelo conhecimento e, com isso, acabam desempenhando mal o papel de estudante.

No mesmo discurso sobre o papel do professor, AAL recomenda aos professores, principalmente aqueles que não estão se saindo muito bem na arte de ensinar, junto aos seus alunos, e por isso sofrem pensando estarem fracassando, dedicação e persistência:

Ao sofreres a grosseria de algum aluno, a impaciência de algum diretor, a impolidez de algum colega, a tentação do desânimo e do abandono, lembrai-vos sempre de que a beleza de uma tarefa nunca se mede pelo seu êxito mundano, nem pelas recompensas públicas que dela acaso nos venham, e sim pela sua própria e desinteressada beleza (...) E que a adversidade não tem poder algum sobre nós, quanto a vencemos pelo espírito de sacrifício e de renúncia. Esse heroísmo secreto e invencível será a guarda perene de vossa mocidade de espírito (...) Bem aventurados os caminheiros sem mácula, pois deles serão um dia os caminhos sem poeira.⁵

Muito provavelmente, o cenário vigente da educação em nosso país seria alvo das críticas severas de Amoroso Lima.

⁴ Discurso proferido como paraninfo eleito da turma de formandos da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, dez/ 1941, onde resumiu seu pensamento sobre a função do professor universitário numa universidade “humanista e integral”.

⁵ Fonte: idem 3.

Amoroso Lima e Paulo Freire: traços comuns de luta e repressão

Quando conhecemos a luta de Amoroso Lima para combater a educação deficiente, pouco reflexiva e que, portanto, não serve como instrumento para promover a liberdade social e intelectual do homem, lembramos do educador Paulo Freire que também concebia a educação como meio para a reflexão sobre a realidade existencial, conscientização do homem e instrumento libertador.

Analisando brevemente a trajetória e os pensamentos sobre educação desses dois personagens, encontramos algumas semelhanças.

Ambos conviveram com o golpe militar de 1964, posicionaram-se contra o novo regime, revelaram-se contra o sistema de ensino, vigente na época, que pouco promovia a reflexão e a liberdade do indivíduo, defendiam o acesso a informação e a cultura a todas as pessoas; ricos e pobres.

Amoroso Lima não se conformou com as atitudes da ditadura e fez duras críticas em sua coluna semanal, chegando a publicar o artigo *Terrorismo Cultural*, alguns dias após o golpe. Com perfil arrojado e destemido, Alceu chegou a ser tachado de comunista e precisou se “explicar” ao presidente Castelo Branco.

Paulo Freire, com suas ideias inovadoras de uma educação libertária, publicadas na Cartilha do MEB (Movimento de Educação de Base)⁶, foi visto como um propagador da desordem e do comunismo no país. O educador presenciou sua cartilha sendo rasgada diante das câmeras de televisão, no *Programa Flávio Cavalcante* e, conseqüentemente, sofreu com a proibição da circulação da Cartilha e viu a sua proposta de renovação humana empatada. Viveu a tristeza do exílio, mas mesmo distante do seu país, perseverou na esperança de ver um dia a educação libertária vigorando nas escolas do Brasil. Viveu em Santiago do Chile de 1964 a 1969. Sobre a sua vida no Chile, em 1992, Freire escreveu na obra *Pedagogia da Esperança*:

Cheguei ao Chile de corpo inteiro. Paixão, saudade, tristeza, esperança, desejo, sonhos rasgados, mas não desfeitos, ofensas, saberes acumulados, nas tramas inúmeras vividas, disponibilidade à vida, temores, receios, dúvidas, vontade de viver e de amar. Esperança, sobretudo.⁷

Frente a essas semelhanças, percebemos que jornalista e educador prezavam pela liberdade do conhecimento e da expressão e que, cada um a seu modo, lutou por uma sociedade formada por homens livres, reflexivos e atuantes em seu meio.

⁶ Cartilha publicada em 1972.

⁷ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

Para ilustrar a aproximação dessas personagens, a seguir duas frases sobre o que eles pensavam sobre educação:

“é preciso elitizar as massas e massificar as elites”. (Alceu Amoroso Lima).⁸

“De facto, é preciso acabar com a sociedade de classes que, propositadamente, enreda e sufoca os alunos com um teorismo frio, vazio, indiferente ao sofrimento do povo desprezado”. (Paulo Freire).⁹

Tais pensamentos revelam e sintetizam a postura desses intelectuais diante da educação de qualidade para todos.

Amoroso Lima: o defensor da universidade brasileira

Amoroso Lima foi um dos pensadores da universidade brasileira, assim, defendia o espaço da universidade como “*um lugar de transmissão e invenção de cultura da nação*”, ou seja, era o espaço mais importante para desenvolver o espírito da observação, da pesquisa, das descobertas e, conseqüentemente, da transformação. Assim, o pensador definia o espírito universitário:

1. a crença na existência de uma hierarquia de valores que sustenta a filosofia, a sabedoria, a ciência, a técnica. A “*espiritualidade*” não é uma matéria que pode ser ensinada, mas um “*modo de ser, de ensinar e de conviver*”.
2. é a “*unidade e transcendência*” – logo, deve estar acima das demais, cuja função é fazer laço profundo dos diversos cursos e atividades do pensamento. Tal como a própria palavra “*universidade*” sugere “*universo dos saberes*”, o espírito universitário não deve se render à fragmentação desse todo em especialidades.
3. o “*espírito universitário*” é o que visa formar o ser humano em “*pessoa integral*”, universal e dedicada à vida moral. “*A universidade [portanto] deve estar em sintonia com o espírito do mundo*”.

AAL iniciou sua carreira profissional trabalhando como advogado no Itamaraty e, aos 26 anos, passou a colaborar com “*O Jornal*” escrevendo críticas literárias, adotando o pseudônimo de *Tristão de Athayde*. Sua produção foi intensa e ganhou destaque no país. Em de 1922, Amoroso Lima age como um dos protagonistas do

⁸ Fonte: Artigo Página da Educação, publicado no home page do Jornal a Página da Educação. www.apagina.pt/dia-a-dia.

⁹ Fonte: Idem 7.

movimento modernista revelando-se um amante da literatura brasileira. Foi AAL quem apresentou a literatura nordestina ao Brasil, fazendo uma crítica visionária do romance “*A Bagaceira*”, de José Américo de Almeida.

Não é apenas um grande livro nosso: é um grande livro humano”. De fato, ao relatar a saga de retirantes, o romance vai além e penetra em terrenos desérticos onde moram ressequidas almas, incapazes de se comunicar, vagando a esmo numa terra ingrata, amparadas unicamente pela própria solidão. (Tristão de Athayde).

Em 1935, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de número 40. Já com grande destaque na área acadêmica, em 1941 deu uma grande contribuição à universalização do ensino brasileiro participando ativamente da fundação da PUC do Rio de Janeiro, onde ministrou aulas de literatura brasileira, até a sua aposentadoria.

Jornalismo e Literatura:

No campo do jornalismo, Alceu Amoroso Lima atuou não apenas como um colaborador, mas principalmente apresentando ideias sobre liberdade e ética no jornalismo.

Em 1958, publicou a obra “*O jornalismo como gênero literário*” onde faz uma reflexão sobre as diversas concepções de gênero literário, procurando encontrar um denominador comum entre literatura e jornalismo.

Para o autor, tudo é literatura desde que haja na palavra uma acentuação, uma ênfase no próprio meio da expressão, que é seu valor de beleza. No caso do texto jornalístico, acrescenta-se apenas a realidade social, o senso de atualidade e a objetividade. A esse respeito, escreveu Amoroso Lima:

A palavra, como natureza, é um simples instrumento de comunicação. Como arte é um meio de transmissão, com caráter de fim. É arte da palavra. É literatura. E sempre que o meio se transforma em fim, estamos no domínio da estética.”

(...)

“Assim a palavra, como arte, é a sua conversão de meio em fim, por princípio. Mas essa operação admite toda (sic) espécie de graduações. Tudo, no universo, é entretom e tom, isto é, terreno definido e terreno indefinido, ato e potência, estabilização e passagem, gênero e intergênero. Verso e Prosa.

Felipe Pena¹⁰, no artigo “*O jornalismo Literário como gênero e conceito*”¹¹, faz o seguinte comentário sobre o que é jornalismo literário:

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide.

Segundo a reflexão de Pena, percebe-se que o jornalismo literário permite ao leitor se envolver com a notícia e com os personagens que a compõe e se ver também como um sujeito pertencente àquele meio. Daí a ideia do jornalismo literário exercer plenamente a cidadania.

O jornalismo literário vem conquistando um amplo público de leitores que se agrada com a notícia contada através da construção de boas histórias. Porém, esse gênero também tem seus opositores que defendem as práticas do jornalismo objetivo, direto e que valoriza a construção do texto através da palavra denotativa e, portanto, sem se priorizar o envolvimento do leitor com a notícia.

Amoroso Lima, em suas reflexões sobre o jornalismo literário, disse: “Assim como a literatura é um tipo especial de arte, o jornalismo é um tipo especial de literatura”.

Portanto, a literatura e o jornalismo, para Amoroso Lima, se integravam.

Diante desse pensamento sobre jornalismo e literatura, muitos pensam que AAL defendia um jornal para a elite, contradizendo assim, tudo o que ele havia dito sobre uma educação de qualidade para todos, ricos e pobres. Porém, o pensador não se referia apenas a uma qualidade textual que valorizava a construção técnica e altamente elaborada através dos recursos e expressões literárias. Sobre isso, AAL disse:

Qualidade e responsabilidade, veracidade e concisão representam como que as colunas básicas da profissão jornalística na vida de uma nacionalidade. Qualidade não representa apenas riqueza e instrumentalização técnica. A qualidade a que me refiro é, acima de tudo,

¹⁰ Editor-chefe da Contracampo. Professor do Mestrado e do Doutorado em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Autor de oito livros na área de Comunicação e do romance *O analfabeto que passou no vestibular*.

¹¹ Artigo gerado a partir do resultado de pesquisa de Doutorado na Universidade Federal Fluminense.

intelectual. Mesmo com meios pobres se pode fazer boa imprensa. Enquanto a riqueza de meios técnicos pode ser até uma deturpação do verdadeiro espírito da imprensa, convertida apenas em instrumento de opressão política ou de pressão de grupos capitalistas nacionais ou multinacionais.

Como podemos perceber a qualidade e o perfil intelectual da boa imprensa não eram sinônimos de riqueza instrumental, seja linguística ou técnica, que muitas vezes exclui aqueles pouco familiarizados com tais instrumentos, mas um jornalismo capaz de atingir a todos os leitores, informando e formando, e, dessa forma cumprindo o seu papel com a sociedade.

Diante do exposto até aqui, sobre aquele que foi um defensor dos mestres, da cultura e do jornalismo nacional, podemos concluir que AAL foi um personagem na história do jornalismo brasileiro que deu ampla colaboração para a formação de uma sociedade mais justa, livre e participativa.

BIBLIOGRAFIA

BELTRÃO, Luiz. Teoria e Prática do Jornalismo. São Bernardo do Campo. Adamantina: FAI / Cátedra Unesco Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, Ed. Omnia, 2006.

MELO, José Marques. *Imprensa Brasileira: Personagens que fizeram história* – vl. 2. São Paulo, Imprensa Oficial (IMESP), 2005.

MELO, José Marques. *História do pensamento comunicacional*. São Paulo, Paulus, 2003.

COMUNICAÇÃO & SOCIEDADE, 33. *Jornalismo e Literatura*. São Bernardo do Campo. Ed. UESP, 2000.